

A COBRA DE ARLEQUIM

Yvisson Gomes dos Santos ¹

ROR UFAM | SEDUC (AL)

✉ yvissongomes@hotmail.com



Saídos do Carnaval, a cobra do Arlequim era esbelta, graciosa e estava nas traseiras de seu corpo, ou seja, fazia-se rabo.

Todos deveriam ter medo daquela calda meio esquisita e cheia de dentes a traçar qualquer criança ou transeunte que ousassem chegar nas circunferências de 360 graus do moço tristíssimo.

O Arlequim possuía culpa. Foi o benfeitor da cidade de Cosme Azul que lhe colocou aquele membro acéfalo no início do Carnaval. Podemos admitir que era uma personagem triste, possuía lágrimas em seu rosto pintado com rubor, uma massa de pó branco e lápis vermelho nas bordas dos olhos.

Sua Colombina já havia partido. Já na Quarta-Feira de Cinzas o fogo ardia para o final dessa festividade secular. O mancebo estava com sua vida amaldiçoada. Talvez fosse um alquimista, mas na terça-feira de Carnaval, antes disso, ele não existia como sempre tinha existido.

Essa cidade de Cosme Azul nada tinha de diferente, apenas essas duas personagens: a Colombina e o Arlequim. Mas por que o Arlequim fora danadamente amaldiçoado? Vamos aos fatos corriqueiros do tempo em que ocorreu o rabo quase medieval a lhe identificar.

O jovem alquímico das festas de Momo amava uma mulher mais velha. Simpático e com atração feroz, tinha hábitos estranhos para o universo da sua cidade natal. Pegava, sempre que podia, nas partes baixas da anciã. Dava-lhe umas tapinhas para mexericar o corpo da mulher, com sentido de despertar a sua paixão. Nunca se deitou maritalmente com ela, porém tinha suas manobras das palmadinhas nas vielas de Cosme Azul.

Um dia, antes da sexta-feira de carnaval, pegaram-no assediando Dona Marista. O prefeito, um bruxo bem-afamado, soube. Se enfureceu, pois era sua mulher, a primeira-dama a ser oportunada. O que fez o emérito político?

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 12, Nº. 24 (Jul-Dez/2024)

Informações sobre os autores:

1 Mestre e Doutor em Educação pela UFAL. É professor de Filosofia da Secretaria de Educação e Desporto de Alagoas (SEDUC/AL). Têm diversos contos e poemas publicados em revistas indexadas no Brasil, bem como artigos científicos.



10.29281/rd.v12i24.15987

Fluxo de trabalho

Recebido: 30/07/2024

Aceito: 16/10/2024

Publicado: 07/02/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

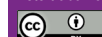
Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)

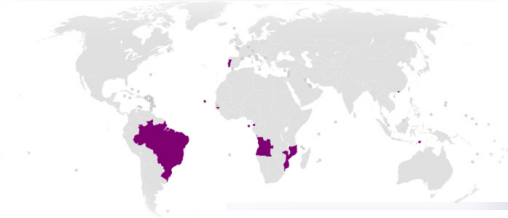


Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio





Foi a floresta e se cobriu de folhas secas para espreitar qualquer cobra ou serpente que pudesse se fazer presente. Junto de si, estava com uns líquidos de bruxaria para, se o acaso lhe fosse favorável, tramar o seu ultraje ao Arlequim.

Em algum tempo, quase o de agora mesmo, o prefeito viu o ser que rastejava e gritou sob as folhas secas da floresta: chamo, oh cobra, que irá fazer um rabo para o intempestivo Arlequim.

A cobra sorrateira, já falava com Eva desde o Paraíso, tinha sido pisada por Maria Santíssima, foi deusa do Egito e muito mais... alguns detalhes não valem a pena de serem ditos. Ele gritou, a cobra ouviu.

Diz-me que bunda lhe incomoda? Diz-me desse Arlequim. Sim, senhora, corpo rastejante e brilhoso. O jovem abusou, maltratou e escarneceu minha esposa. Quero vingança. Quero vingança.

Eu trouxe um pó de amêndoas e licor de tâmara. Agradeço, homem de culhões. Diz-me o seu desejo que dele saberei se haverá luz no fim do túnel. Certamente, dá-lhe um rabo em pleno Carnaval que lhe darei meu presente. Pois bem, saia dessas folhas secas e venha até a mim. O prefeito foi! Espanto! Tudo parecia um conto de fadas!

Eis-me aqui, ser peçonhento. A serpente disse: peça! Eu peço: que o Arlequim tenha uma cobra em forma de rabo que destrua tudo aquilo que ele ama e odeia, e no Carnaval, principalmente.

Feito o pedido, ambos se olharam e a cobra mansamente pronunciou: seu desejo está cumprido até hoje à noite. Me dê meu presente e se vá! Não volte mais.

Já na cidade, quase um vilarejo, o Arlequim começou a se coçar. Nada demais, até parecia pó de mico. O prefeito estava em sua residência de eira e beira.

Anoiteceu! A primeira-dama chorava. O prefeito lhe satisfazia com um chá de Melissa. Uma inquietação. A noite chegou, a noite chegou.

O Arlequim tomou seu banho de asseio nesta sexta-feira de Carnaval e tomou um susto: seu cóccix agora se desdobrava em mil ossinhos e cartilagens. Bocas e urros saíram dessa anomalia. Já era tarde demais: agora ele se transforava numa aberração. Passou o carnaval sozinho em meio à multidão medrosa daquela coisa em seu bumbum.

Colombina nem sequer lhe deu adeus, foi-se embora. E até hoje ele vive numa redoma de vidro sendo alimentado por roedores através de seu rabo selvagem.

Moral da história: nunca mexa nos cofres de uma primeira-dama. Sempre haverá um senhor medroso, mas importante, a contar com a parceria de uma serpente adâmica.